

# A Tradição do Uso de Plantas Tintoriais da Comunidade Rural de Santo Antonio do Rio Grande

Ivone Manzali de Sá<sup>1</sup>, Luci de Senna-Valle<sup>2</sup> e Gabriella Silva de Almeida<sup>3</sup>

## Introdução

A tradição do uso de corantes vegetais para tingir lã e algodão utilizados nos teares manuais vem de longa data nas comunidades mineiras. No Brasil, o algodão, a técnica de tecelagem e o conhecimento de pigmentos minerais e corantes vegetais já eram utilizados por grupos indígenas nos anos de 1500 para tecerem suas indumentárias e redes [1,2]. Em 1785, a rainha de Portugal, D. Maria I, “a Louca”, proibiu as manufaturas existentes no país à exceção das fazendas destinadas ao uso dos escravos e para empacotar produtos. No entanto, a tecelagem continuou a ser produzida clandestinamente em centenas de teares espalhados por Minas Gerais [1]. O uso do tear manual e de corantes vegetais caiu em desuso em função do advento da industrialização e a introdução de corantes artificiais, como também do desenvolvimento de materiais como o náilon e o acrílico, restando apenas algumas tecedeiras isoladas em algumas comunidades que persistiram na tradição do tear mineiro. Santo Antonio do Rio Grande é uma comunidade rural, tipicamente campesina [3], com uma população em torno de 200 pessoas, pertencente ao município de Bocaina de Minas, situado na Serra da Mantiqueira, Minas Gerais, Brasil. A vila está em torno de 800 a 1200 metros de altitude, e seu ambiente é composto de Floresta Pluvial Montana, com manchas de cerrado e campo de altitude, segundo Rizzini [4]. Seus habitantes não têm mais a prática do tear mineiro, mas, no entanto, ela está presente na lembrança de alguns membros mais antigos da comunidade. Esta pesquisa é parte de dissertação de mestrado, e teve como objetivo registrar o conhecimento da elaboração e fixação dos corantes vegetais.

## Material e métodos

### A. Análise Qualitativa

As informações foram obtidas através das técnicas de entrevistas não estruturada e informal [5,6] onde as informações sobre plantas utilizadas em tingimento de lã e algodão foram espontaneamente citadas, sem que o pesquisador tenha demandado o assunto. Também foi utilizada a técnica de entrevista semi-estruturada [5,6] com uma das informantes para esclarecimentos sobre os processos de obtenção dos corantes. O material botânico foi coletado, herborizado, identificado e depositado no herbário do Museu Nacional (R).

### B. Análise Quantitativa

Foi utilizado o valor de diversidade de uso (UDs) de Byg & Balslev (2001) modificado [5] para verificar qual espécie tem diversidade de uso mais significativo, além do uso tintorial. As outras categorias utilizadas na fórmula para algumas plantas foram: corante para alimentos, alimentícia e medicamento.

$$UDs = 1/\sum Pc^2$$

Onde,  $Pc$  = contribuição da categoria de uso  $c$  para a utilidade total da espécie  $s$  (número de vezes que a espécie foi mencionada dentro de cada categoria de uso, dividido pelo número total de citações de usos da espécie  $s$  entre todas as categorias de uso).

## Resultados e discussão

Seis informantes, sendo cinco mulheres e um homem, todos com idade acima de 50 anos, citaram sete espécies, distribuídas nas seguintes famílias: Bixaceae (uma), Fabaceae (duas), Melastomataceae (uma), Myrtaceae (uma), Musaceae (uma) (tab. 1), dos gêneros *Bixa*, *Indigofera*, *Senna*, *Trembleya*, *Campomanesia* e *Musa*. A planta citada como ruivinha ainda se encontra em fase de identificação. O método de preparo (fig.1) varia em função da planta utilizada, onde o corante azul é obtido associando-se as folhas do anil a uma preparação chamada “diquada” (fig.2b), preparada com cinzas e água em um recipiente chamado “barrileiro” (fig.2a), que além de ajudar na formação da cor, também tem função de fixador ou mordente. Nesta solução coloca-se a lã ou o algodão de molho por alguns dias. As demais cores como amarelo e vermelho, são preparadas pela simples adição de água nas partes utilizadas das plantas e molho por alguns dias, sendo que a quaresminha do campo necessita de fervura. Moura [8] descreve o processo de tingimento e tecelagem utilizada em Minas Gerais nos anos 1800, muito semelhante aos relatados pelas informantes da comunidade estudada. Ao mesmo tempo em que ocorria o processo de investigação deste conhecimento pela pesquisa etnobotânica, algumas mulheres da comunidade, através da criação de uma cooperativa de artesanato, começaram a reaprender a tecer com teares manuais, mostrando interesse por esta prática que estava em vias de desaparecer. Estas aprendizes de tecedeiras demonstraram interesse nas técnicas para obtenção do corante vegetal, objetivando

1. Mestranda em Etnobotânica da Pós Graduação em Ciências Biológicas do Museu Nacional/UFRJ. Quinta da Boa Vista s/nº São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 20940040. E-mail: ivmanzali@gmail.com

2. Professora Adjunto do Departamento de Botânica, Museu Nacional/UFRJ. Quinta da Boa Vista s/nº São Cristóvão, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. CEP: 20940040.

3. Estagiária do Departamento de Botânica do Museu Nacional/UFRJ. Apoio financeiro: CAPES.

agregar valor ao seu produto junto ao mercado turístico que valoriza mais os produtos artesanais. Houve uma demanda para que a pesquisadora organizasse as informações das plantas tintoriais obtidas na pesquisa e repassasse para a cooperativa. A partir deste fato, pode-se fazer uma reflexão da influência que o estudo etnobotânico pode ter sobre a comunidade estudada. O impacto que o retorno desta atividade poderá ter sobre o meio ambiente deverá ser melhor avaliado, em função da pressão ambiental causada pelo aumento de demanda das plantas utilizadas para o tingimento. Todas as plantas citadas eram obtidas por extrativismo, sem relato de manejo sustentável, com exceção da *Bixa orellana* L. e *Musa* sp., que são cultivadas até hoje para outros fins. O valor de diversidade de uso (UDs) apontou a *Campomanesia adamantium* Berg. (tabela 2) como a espécie com maior índice de uso 2,5 (dois e meio) indicando que é a espécie que poderia sofrer a maior pressão antrópica em relação às demais plantas tintoriais. No entanto, este dado deve ser considerado associado a estudos posteriores de manejo e ecologia para estabelecer um manejo sustentável com o objetivo do desenvolvimento local da prática de tecelagem artesanal e tingimento vegetal na comunidade de Santo Antonio do Rio Grande.

### Agradecimentos

A CAPES, pela concessão de bolsa da aluna e ao PRONAP, pelo auxílio em campo. À população de Santo

Antonio do Rio Grande, em especial à Sinhá Bela, Neimar, D. Nercy (*in memorian*), D. Palmira (*in memorian*), D. Zenaide, D. Maria e Sr. Cyriaco. Ao especialista Haroldo Lima e Robson Ribeiro pela identificação das Fabaceae e aos funcionários do herbário do Museu Nacional do Rio de Janeiro.

### Referências

- [1] FERREIRA, E.L. 1998. *Corantes naturais da flora brasileira*. Curitiba, Optagraf Editora e Gráfica Ltda. 98p.
- [2] DEAN, W. 1991. *A botânica e a política Imperial: a introdução e a domesticação de plantas no Brasil*. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 4, n.8. p.216-228.
- [3] QUEIROZ, M. I. P. 1973. *O campesinato brasileiro: ensaios sobre civilização e grupos rústicos no Brasil*. Petrópolis – São Paulo: Vozes Edusp (Estudos brasileiros, v.3)
- [4] RIZINI, C.T. 1979. *Tratado de Fitogeografia do Brasil*. São Paulo, vol.2, HUCITEC, Editora da Universidade de São Paulo, 374p.
- [5] ALBUQUERQUE, U.P.& LUCENA, R.F.P. (orgs).2004. *Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica*. Recife, LivroRápido / NUPEEA. 189p.
- [6] MARTIN, G.J. 1995. *Ethnobotany: A methods manual*. London, Chapman and Hall, 268p.
- [7] MOURA, M.D. 2002 [Online]. *A indústria artesanal de tecidos artesanais em Minas Gerais na primeira metade do século XIX*. Anais do X Seminário sobre a Economia Mineira [Proceedings of the 10th Seminar on the Economy of Minas]. Homepage: <http://www.cedeplar.ufmg.br/diamantina2002/textos/D14.PDF>

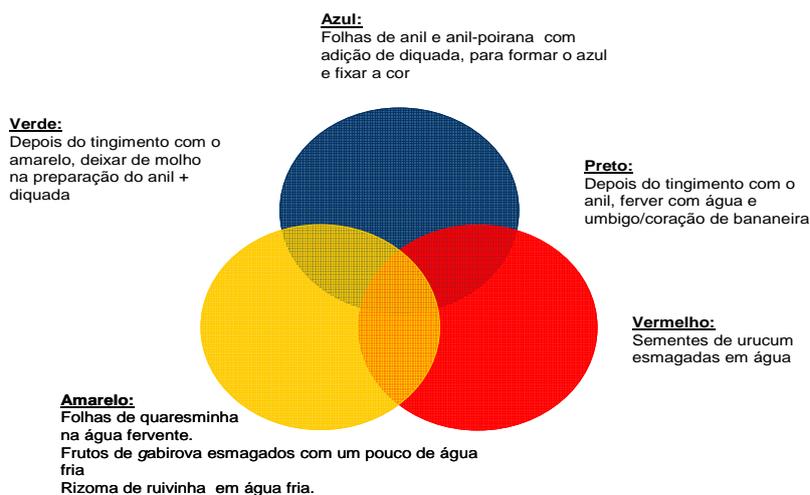
**Tabela 1.** Listagem das plantas tintoriais utilizadas no arraial de Santo Antonio do Rio Grande, com seus nomes populares e botânicos, suas respectivas famílias, partes utilizadas e cores obtidas.

Nome popular	Nome botânico	Família	Parte utilizada	Cores obtidas
urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	Bixaceae	sementes	vermelho
anil-da-folha-pequena	<i>Indigofera</i> aff. <i>suffruticosa</i> Mill.	Fabaceae	folhas	azul
anil-da-folha-grande ou poirana	<i>Senna cernua</i> (Balbis) I. & B.	Fabaceae	folhas	azul
quaresminha-do-campo	<i>Trembleya</i> cf. <i>phlogiformis</i> DC.	Melastomataceae	folhas	amarelo
bananeira	<i>Musa</i> sp.	Musaceae	umbigo/coração	preto
gabirova	<i>Campomanesia adamantium</i> (Cambess.) Berg.	Myrtaceae	frutos	amarelo
ruivinha	Indeterminada	-	rizoma	amarelo

**Tabela 2.** Lista de nomes populares, nomes botânicos das plantas tintoriais, índice de versatilidade e seus usos.

Nome popular	Nome botânico	Diversidade de Uso (UDs)	Indicação de uso
urucum	<i>Bixa orellana</i> L.	2,000	tingimento de lã e algodão; corante de alimentos
anil-da-folha-pequena	<i>Indigofera</i> aff. <i>suffruticosa</i> Mill.	0,027	tingimento de lã e algodão
anil-da-folha-grande ou poirana	<i>Senna cernua</i> (Balbis) I. & B.	0,250	tingimento de lã e algodão
quaresminha-do-campo	<i>Trembleya</i> cf. <i>phlogiformis</i> DC.	0,250	tingimento de lã e algodão
bananeira	<i>Musa</i> sp.	2,000	tingimento de lã e algodão e alimentícia
gabirova	<i>Campomanesia adamantium</i> (Cambess.) Berg.	2,500	tingimento de lã e algodão; alimentícia; medicamento
ruivinha	Indeterminada	1,000	tingimento de lã e algodão

## Obtenção dos corantes vegetais



**Figura 1.** Diagrama de Venn demonstrando as diversas cores obtidas pelas plantas tintoriais e as suas técnicas de preparo.



**Figura 2.** a - Barrileiro para fazer a diquada; b - Diquada sendo despejada em uma preparação; c - D. Palmira Mendes (*in memoriam*) tecendo um cobertor de lã em tear mineiro; d-g - Colchas de lã e algodão tingidas por anil (d), quaresminha e urucum (e), anil, quaresminha e urucum (f e g).